



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da TEIA 2007 – Rede Nacional de Cultura**

Belo Horizonte-MG, 07 de novembro de 2007

Queridos e queridas companheiros e companheiras que estão aqui
prestigiando este evento patrocinado pelo nosso Ministério da Cultura,

Eu quero cumprimentar o companheiro Gilberto Gil, ministro da Cultura,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Patrus Ananias, do
Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Eu espero que em mais alguns
dias a gente tire o “Combate à Fome” daqui e fique só o “Desenvolvimento
Social”, porque vai ficar muito feio escrever na porta do Ministério: Ministério do
Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Então, nós vamos ter que acabar
com a fome logo, para poder ter só Desenvolvimento Social.

Companheiro Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da República,

Companheiro Walfrido dos Mares Guia, da Secretaria de Relações
Institucionais,

Meus companheiros deputados aqui presentes, Ademir Camilo, Antônio
Roberto. Eu queria que vocês prestassem atenção num deputado que não é
mineiro, mas piauiense, mora em São Bernardo e está aqui, que é o nosso
companheiro Frank Aguiar.

Nossa companheira Maria do Carmo Lara,

Nosso companheiro Miguel Corrêa Júnior,

Nosso companheiro Odair Cunha,

E nosso companheiro Reginaldo Lopes,

Meu querido companheiro Fernando Pimentel, prefeito de Belo
Horizonte,

Meu querido companheiro Juca Ferreira, secretário-executivo do
Ministério da Cultura,



Secretários estaduais de Cultura, secretários municipais,
Meu querido companheiro Augusto Boal, representante dos Pontos de Cultura,

Meu caro Célio Turino, secretário de Programas e Projetos do Ministério da Cultura,

Meu caro companheiro Valentino Rizzoli, vice-presidente da Fiat do Brasil,

Meu caro João Barusso Lafraia, gerente-geral da Refinaria Gabriel Passos, da Petrobras,

Senhor Maron Emile Abi-Abib, diretor-geral do Departamento Nacional do Sesc. Com um nome desses, eu seria presidente do Líbano.

Senhoras e senhores,

Companheiros e companheiras,

Vejam que cometer equívoco também é cultura. Eu vim aqui para participar de dois eventos e, aí, transformamos dois em um. Ou melhor, transformamos um em dois e dois em um, porque foi tudo muito junto. E o meu discurso era uma mistura do primeiro evento com uma mistura do segundo evento. Acontece que eu não posso falar muito mais do primeiro evento porque já houve, aqui, vários discursos. Mas eu não poderia deixar de dizer aos companheiros e companheiras que receberam a comenda da Ordem do Mérito da Cultura, da alegria de poder viver esse momento, de homenagear gente que tanto significa para o nosso País.

Toda vez que a gente vai escolher as pessoas que serão homenageadas é sempre muito difícil, porque certamente o Juca e a sua equipe devem preparar uma proposta para o Gil que, junto com o Juca e a sua equipe preparam uma proposta para mim, e eu sozinho tenho que decidir. E às vezes eu fico pensando: “Mas não está faltando? Mas não está faltando?”. E, aí, eu chego à compreensão de que a gente não pode dar todas ao mesmo



tempo, porque seriam milhares de pessoas reunidas num evento como este. Tinha um cidadão gritando: “Cadê o lugar para sentar, Lula?” Se a gente trouxesse mais convidados, aí é que não ia ter lugar para ele sentar mesmo. Não ia ter nem lugar para ele ficar em pé, quanto mais sentado.

Mas eu quero dizer para todos vocês que receberam as comendas que é uma alegria ter vivido este momento, de poder homenagear. E eu ainda quero retribuir essa homenagem visitando Exu, junto com Gilberto Gil, para a gente conhecer a terra de Luiz Gonzaga, porque é uma vergonha eu, como pernambucano, não conhecer. Não sei se, historicamente, Caetés teve alguma guerra com Exu, certamente não teve. Se tivesse, certamente Caetés teria perdido, então foi bom que não teve. Agora, que eu sou o presidente, quem sabe eu vá a Exu.

Então, meus parabéns a todos vocês. Eu quero ver se posso... o Tostão mora aqui, alguém de Minas Gerais, aí, o ministro poderia levar... – viu, Gil? – o Patrus, que é metido a entender de futebol, aquele negócio todo, poderia ir à casa do Tostão entregar a comenda dele. E eu quero ver se levo a do Oscar Niemeyer para entregar amanhã para ele, lá no Rio de Janeiro.

Mas, meus queridos companheiros e companheiras desta segunda edição da nossa querida Teia, da nossa Rede Nacional de Cultura. Primeiro, queria dizer para vocês que nós já fizemos muito e que ainda falta fazer muito mais. Eu acho que nós ainda não fizemos um terço daquilo (Inaudível) País. O que nós estamos vendo é que os Pontos de Cultura podem ser a grande possibilidade de o Brasil descobrir o Brasil, de o Brasil conhecer o Brasil.

Há uma coisa, Gil, que eu preciso contar aqui. Quando eu chamei o companheiro Gil para ser ministro... quando a gente ganha as eleições – quando a gente é oposição a vida inteira – não pense que é fácil montar governo, não. Você não pode procurar só nome do seu partido, você tem que procurar companheiros de outras forças políticas. Já estava quase chegando a hora de eu tomar posse e cadê o ministro da Cultura? Aí fui chamar o Gilberto



Gil. Conversei bastante com o Gilberto Gil, o convidei para ser ministro, ele topou, e conversei muito sobre uma coisa chamada casa de cultura. Está lembrado? Durante um tempo, eu alimentei a idéia de que a gente poderia criar uma casa em cada cidade brasileira. O que era, na minha cabeça, uma casa de cultura? Era um espaço que pudesse ser um ponto de encontro das pessoas que quisessem produzir inovações culturais, em que a juventude pudesse se encontrar. Tomamos posse e o Gil me levou o primeiro projeto de Ponto de Cultura. Era belíssimo. E a Petrobras ia financiar os 50 primeiros. Está lembrado? Já não era mais na Granja do Torto porque eu já tinha tomado posse, era no Palácio da Alvorada. Aí teve uma briga desgraçada por conta do projeto, era um projeto de um grande arquiteto baiano, do Lelé, aquele que constrói a Rede Sarah. Por conta de que o projeto é bom, é barato, tem uma guerra contra, pelas empreiteiras brasileiras. E vai que não vai... e não saiu a minha casa de cultura, porque não dava para fazer naquele projeto e outro projeto ficava muito caro. Aí o Gil falou: “Olha, Presidente, nós vamos fazer Ponto de Cultura”.

Eu queria contar uma história para vocês. Vocês conhecem a história do “tchó”? Um cidadão, uma vez, achou uma mola de caminhão, aquelas molas de aço de qualidade. Ele resolveu, então, mandar num ferreiro para fazer uma espada. Chegou lá e falou para o ferreiro: “Você consegue fazer uma espada para mim, dessa mola?” O ferreiro falou: “Consigno”. Toca aquilo no forno, mete na bigorna, bate, bate, bate. No dia seguinte, o cidadão vai buscar a espada e o cara fala: “Oh, companheiro, não deu para fazer a espada, esquentei demais, bati demais, agora só dá para fazer um facão”. “Então, pode fazer um facão”. Mete outra vez no forno, mete na bigorna, bate, bate, bate. No dia seguinte, o cidadão vai buscar o facão e o cara fala: “Ih, rapaz, esquentei demais, bati demais, só dá para fazer um punhal”. E o cara falou: “Tudo bem. Eu queria uma espada. Não tem uma espada, tem um punhal, vai o punhal mesmo. Quem não tem tu, vai com tu mesmo”. “Bom, vou fazer o punhal, amanhã você



vem buscar”. E coloca na bigorna outra vez, esquentá, bate, bate, bate. No dia seguinte, o cara chega lá: “Cadê o meu punhal?” “Ih, rapaz, esquentei demais, bati demais, só dá para fazer um canivete”. “Então, me faça um canivete”. Aí, no dia seguinte, volta lá e o cara fala: “Oh, companheiro, só dá para fazer um “tchó”, porque eu esquentei demais, bati demais, agora só dá para fazer um “tchó”. “Então, me faça esse desgraçado desse “tchó”. Aí, ele pega o ferro, coloca no fogo, quando está vermelhinho ele joga na água e faz “tchó”. Agora, o que é fantástico é que só um “tchó” pode não ter importância, mas 600 “tchós” já fazem um barulho extraordinário neste País. E agora, que nós aprovamos a política de Cultura, Mais Cultura, em que nós assumimos o compromisso de colocar 4 bilhões e meio na Cultura e estamos assumindo o compromisso público de produzirmos 20 mil “tchós”, não precisa nem caixa de retorno para os adversários ouvirem, eles vão ouvir é muito barulho cultural neste País.

Eu tive o prazer de viajar muito o Brasil. Essas Minas Gerais, eu já andei por quantos lugares de ônibus. Talvez eu seja o único presidente que já foi ao Vale do Aço, Vale do Mucuri, Vale do Jequitinhonha, Vale do Rio Doce, para não falar nas travessias pelas bandas de Juiz de Fora e por tantos lugares. Eu fico imaginando um estado como este, porque qualquer outro estado brasileiro que quiser ter uma participação em São Paulo, tem que ir para São Paulo, ficar retirante como eu. Minas é um estado privilegiado, porque tem São Paulo dentro dele, que é a região do Sul de Minas Gerais, tem o Rio de Janeiro dentro dele, que é a Zona da Mata, tem a Bahia dentro dele, e tem um pedaço de Minas mesmo, que é o centrão aqui de Minas Gerais, o Vale do Aço e uma parte do interior.

Agora, a riqueza cultural deste estado é extraordinária e, certamente, o povo de uma região não conhece a riqueza cultural da outra região. Então, eu fico imaginando o dia em que todos os brasileiros conhecerem a sutileza e a leveza de um carimbó. Eu acho que o carimbó, Gil, você sabe mais do que eu, é como se fosse a dança da conquista, do acasalamento perfeito. Agora, é uma



coisa que a gente não vê na televisão, a gente não vê no cinema, a gente não vê nos grandes centros urbanos brasileiros. Fica uma coisa restrita à região Norte do País e mais ao Pará. Eu, por exemplo, não me conformo que a gente não conheça essa riqueza cultural do País, porque as pessoas não têm interesse em divulgar.

O nosso Boal estava falando do que acontece nas televisões brasileiras e no cinema. No cinema ainda é suportável, porque você vai se quiser. E numa televisão, dentro de casa? A gente compra o máximo de canais possível, a gente compra logo aquele que tem 30, 40, 50 canais, e repetidos entre eles. Então, tem filme que passa 80 vezes. É verdade, você muda de canal, eles falam um tal de HBO, HBO2, HBO3, é um nome... você vai passando, ontem passou um filme, hoje passa em outro canal, amanhã passa em outro e depois repete de novo. Aí, quando passa um tempão, vem a televisão brasileira: “assista, no domingo, filme inédito.”

O que é mais grave é que essa perda de identidade cultural nossa faz com que o brasileiro viaje para a Coréia ou para o Japão, veja um artista americano e pense que é brasileiro, porque é parecido com ele, não é diferente. Quando é que nós vamos assumir, definitivamente, a nossa independência completa enquanto nação? Vocês poderiam estar falando: “mas o presidente da República é presidente, ele pode fazer.” Ledo engano. O presidente da República pode ajudar a fazer, o ministro pode ajudar a fazer, mas fazer tem uma série de senões que nós temos que vencer os obstáculos.

Eu dizia para o Patrus, muitas vezes nós queremos a coisa com mais rapidez. Eu tenho vontade de juntar, Gil, um grupo de intelectuais brasileiros e tentar pensar o Brasil por décadas. Pegar o século passado. Quais foram os avanços que aconteceram em cada década? De 1900 a 1910, de 1910 a 1920, para a gente perceber o quanto é lento o processo de conquista da sociedade, se a gente imaginar que a mulher brasileira só conseguiu legalizar o seu voto na Constituição de 34. Faz muito pouco tempo. Se a gente imaginar que nós



abolimos a escravidão no século XIX e que agora nós estamos, outra vez, lutando contra o trabalho escravo impregnado em muitos lugares deste País ainda.

Então, vencer esses obstáculos é um processo, como é um processo a construção das rádios comunitárias. Nós estamos devendo. Quero dizer aqui, de público, que eu acho que nós devemos à sociedade brasileira muito mais para concretizar as rádios verdadeiramente comunitárias, que prestam trabalhos comunitários. Estamos devendo, por isso constituímos um grupo de trabalho para que a gente faça uma investigação do que está acontecendo (inaudível) quando prendem companheiros, fecham rádios que são verdadeiramente comunitárias. Também no nosso lado tem rádio que não é comunitária, que também não pode existir. Mas deixam rádios ligadas a tantas outras coisas, funcionando, que de comunitárias não têm nada, quase funcionam como rádio comercial. As comunitárias podem derrubar avião, as outras não. Esse é um grupo de trabalho para definir, porque eu só tenho três anos de mandato. E nesses três anos nós precisamos concretizar a matriz do enraizamento da construção, definitivamente, democrática deste País. E a comunicação é uma dessas. Por isso, nós estamos criando a TV Pública nacional.

Então, este evento que vocês estão realizando aqui, eu acho extraordinário. Gil, uma vez eu fui ao Vale do Jequitinhonha e fui à igreja, lá na cidade de Araçáí. Faz tempo, você ainda não estava, ainda no tempo de... não era dom Quirino o bispo da Diocese. Bem, o Durval deve saber... Dom Enzo. Eu vi uma apresentação de teatro no Vale do Jequitinhonha, lá em Araçáí, e fiquei imaginando por que esses meninos não são profissionais. Por que eles não são profissionais? Aqueles meninos que se apresentaram em Brasília, de Ribeirão Preto. Eu fico imaginando quantas dessas coisas nós temos no Brasil. Eu fico imaginando por que o frevo é uma dança só de Pernambuco? Por que não é uma dança do Brasil inteiro e, de repente, uma coisa que é peculiar de



um país estrangeiro vira moda principal no nosso País, e a nossa não vira moda?

Esses dias, eu estava vendo que a Globo passava um documentário sobre o Acre e eu me lembro de um livro que eu li – do Márcio de Souza, grande companheiro – chamado Galvez, o Imperador do Acre. Para vocês verem a evolução que nós tivemos, no final do século XIX, nem as lavadeiras brasileiras eram respeitadas porque eles mandavam lavar a roupa na França. Os fazendeiros da borracha mandavam lavar aqueles magotes de roupa armada na França e esperavam 6 meses para que viessem para cá. Isso demonstra o quê? Isso demonstra a subordinação cultural deste País, e que persiste ainda em muitos lugares, nos dias de hoje, de valorizar a coisa estrangeira, de valorizar o produto estrangeiro, é de sempre negar e negligenciar os nossos valores.

Uma vez, uma pessoa estrangeira veio fazer um debate no Brasil e eu fiquei sabendo, pelos jornais, que pagaram 200 ou 300 mil dólares pelo debate. Eu fico imaginando: eu conheço tanta gente boa que faz de graça, tanta gente boa. Mas, lamentavelmente, este País foi construído em 500 anos e nós agora temos um tempo para a frente para ir mudando este País, para ir tornando o Brasil mais brasileiro. Este País é tão complicado que até a árvore que gerou o nosso nome está quase extinta. Por quê? Porque, na verdade, muita gente neste País nunca respeitou este País. Isso aqui é como se fosse uma coisa passageira, tudo que é bom está lá fora, tudo que é ruim está aqui dentro.

Fala-se da classe política brasileira como se no mundo tivesse classe política melhor. É assim que se fala. Fala-se de corrupção no Brasil como se fosse só no Brasil que tivesse, e não fosse uma coisa impregnada no mundo. Então, vende-se a idéia de que nós somos inferiores. Coitado do menino que quer aprender a usar computador, Gil, e não sabe falar uma palavra em inglês. Por que não pode ser metade daquilo em português, para um como eu entender? É por isso que eu acho que vocês são necessários, não são vocês



que precisam do governo. Obviamente que o governo pode abrir espaço, como aquela mãe que vai com a barriga na frente para a onda não pegar o filho menor que está atrás dela, ou como aquele corredor esperto que vai no vácuo do outro até bater e se arrebentar. O governo pode abrir esse espaço, mas não são vocês que precisam do Gil ou do Lula. Na verdade, nua e crua, somos nós que precisamos de vocês, é o Estado brasileiro que precisa de vocês.

Gil, um dia desses um companheiro meu, de 26 anos de idade, ficou com medo de uma galinha. Eu percebi que ele não tinha culpa, ele não conhecia uma galinha. Ele só conhecia galinha morta, e galinha morta lá no supermercado, geladinha, não causa nenhum problema. Aí, você pega uma criança de 15 anos, que conhece todas as palavras e todos os jogos do Bill Gates, mas não conhece uma vaca, nunca viu. Nunca ouviu falar do saci-pererê, não consegue ver as coisas porque são mostradas de forma mercadológica.

Tem uma coisa hoje, viu Gil, não sei se você percebeu, uma tal de pesquisa. Quando vocês virem alguém dando entrevista, vocês fiquem olhando, se o cidadão estiver falando...o Paulo Markun está aqui e ele é especialista nisso. Se eu estiver entrevistando o Gil e ele estiver dando um determinado ponto no Ibope, eu dou até mais um bloco, mas se eu contratei você para entrevistar por cinco minutos, e na hora em que eu comecei a entrevistar, a telinha da pesquisa caiu, eu acabo a minha entrevista em dois minutos e meio, não importa qual o assunto. Então, virou uma coisa eminentemente comercial.

Por isso nós resolvemos criar a TV Pública, para ver se a gente faz aparecer na TV Pública as coisas que não aparecem normalmente, porque não tem ainda um valor comercial; fazer aparecer os debates, para as pessoas irem compreendendo o que pensa o povo brasileiro sobre tantos temas que parecem temas proibidos de ser discutidos. Eu até pensei, para acabar com esses temas proibidos, em criar o dia nacional contra a hipocrisia no Brasil,



para a gente acabar com tudo que é hipocrisia.

E eu, Gil, quero te dizer o seguinte, meu querido, e quero dizer a vocês: se depender do nosso esforço coletivo e do nosso esforço individual, este País nunca mais voltará a ser o mesmo. Quem pegar este País para governar, a partir de 2010, vai pegar num outro patamar. E Deus queira que uma das coisas importantes, que sirva como novo paradigma, seja o fato de nós termos um povo culturalmente mais exigente, mais brigador, um povo mais consciente dos seus direitos, porque somente assim este País dará passos extraordinários, sem volta.

Eu quero dizer a todos vocês e, sobretudo, a você, Gil, como ministro, e ao Augusto Boal: Meu querido Boal, no que depender do seu velho companheiro aqui, saiba que eu serei parceiro para que a gente possa, Juca, implantar cada um dos Pontos de Cultura, que daqui a alguns anos serão tantos que em vez de o pessoal ver a teia do homem-aranha, o povo vai ver a teia do povo cultural deste País tão brasileiro.

Muito obrigado, boa sorte a vocês.